

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

ALINE CARLOS PEDREIRA VERGANI

**“A REALIDADE SALTA A FICÇÃO”:** A IDENTIDADE E O CAMINHO  
DO SERTANEJO EM VIDAS SECAS, MORTE E VIDA SEVERINA E A  
HORA DA ESTRELA

CURITIBA

2019

ALINE CARLOS PEDREIRA VERGANI

**“A REALIDADE SALTA A FICÇÃO”:** A IDENTIDADE E O CAMINHO  
**DO SERTANEJO EM VIDAS SECAS, MORTE E VIDA SEVERINA E A  
HORA DA ESTRELA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**“A REALIDADE SALTA A FICÇÃO”: A IDENTIDADE E O CAMINHO DO  
SERTANEJO EM VIDAS SECAS, MORTE E VIDA SEVERINA E A HORA DA  
ESTRELA**

por

**Aline Carlos Pedreira Vergani**

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Membro titular

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

VERGANI, Aline Carlos Pedreira. “A Realidade Salta a Ficção”: a identidade e o caminho do sertanejo em *Vidas Secas*, *Morte e Vida Severina* e *A Hora da Estrela*. 2019. 32f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Por muitos anos, a literatura retrata o caminho percorrido pelo homem do sertão rumo à cidade grande em busca de melhores condições e uma vida longe das aflições da seca. Assim como os historiadores, escritores brasileiros representaram em suas páginas um reflexo, a representação do mundo através de um personagem recorrente: o sertanejo. O objetivo desta monografia é mostrar como esse papel é apresentado em “*Vidas Secas*”, de Graciliano Ramos, “*Morte e Vida Severina*”, de João Cabral de Melo Neto, e em “*A Hora da Estrela*”, de Clarice Lispector, e como esses escritores apresentam a desigualdade social que exclui o sertanejo desde a sua formação até a atualidade.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. História. Sertanejo. Seca.

## ABSTRACT

For many years, literature portrays the path taken by the man from the arid hinterland towards the town in search of better conditions and a life away from the woes of drought. Like the historians, Brazilian writers represented in their pages a reflection, the representation of the world through a recurring character: the countryman. The objective of this text is to show how this role is presented in literary works such as "Vidas Secas", by Graciliano Ramos, "Morte e Vida Severina", by João Cabral de Melo Neto, and "A Hora da Estrela", by Clarice Lispector, and how these writers present the social inequality that excludes the countryman from its formation to current days.

**Keywords:** Brazilian literature. History. Countryman. Drought.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 AS VIDAS SECAS DE FABIANO E VITÓRIA .....</b>	<b>8</b>
<b>3 MORTE E A VIDA DE SEVERINO .....</b>	<b>17</b>
<b>4 A HORA DA ESTRELA DE MACABÉA.....</b>	<b>24</b>
<b>5 A REALIDADE SALTA A FICÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo identificar características de um mesmo personagem – o sertanejo – em alguns livros da literatura brasileira, bem como sua jornada do sertão rumo a melhores condições de vida na cidade. Foram escolhidas, dentre as diversas obras da literatura brasileira, as seguintes personagens: Fabiano, Sinha Vitória (“Vidas Secas”), Severino (“Morte e vida Severina”) e Macabéa (“A hora da estrela”), para estabelecer relação entre personagens e identificar características comuns e qual o caminho percorrido por cada um deles.

A literatura brasileira conta com inúmeras obras que trazem o sertanejo como protagonista. Assim como tantos outros sertanejos da vida real e das páginas literárias, Fabiano, Sinha Vitória, Severino e Macabéa sofrem com as consequências da seca, da marginalização e da vulnerabilidade do retirante. Frutos de uma nação desestruturada e de um meio físico que não favorece o crescimento do nordestino miscigenado, castigado pela seca, o sertanejo constantemente migrava para as demais regiões do país em busca de melhores oportunidades.

O objetivo desta monografia é analisar o percurso de personagens de três obras brasileiras consagradas pela crítica. Elas representam a vida de milhões de pessoas anônimas que deixaram o sertão, ao longo do século XX, para se instalar em regiões urbanas supostamente com melhores condições de vida. Nosso trabalho consiste na análise literária e história desses personagens.

## 2 AS VIDAS SECAS DE FABIANO E VITÓRIA

Na obra de Graciliano Ramos “Vidas Secas” (1938), assim como tantos outros sertanejos da vida real e das páginas literárias, Fabiano, Sinha Vitória e os dois filhos sofrem com as consequências da seca, da marginalização e da vulnerabilidade do retirante. Apesar de não ficar explícita a localidade de onde partem, mas levando em consideração que o escritor é alagoano, deduz-se que esses personagens estejam situados dentro das localidades próximas e que sem dúvida geograficamente pertencem ao Polígono das Secas, localizado na faixa interiorana de todos os estados nordestinos e envolvendo cerca de mil municípios. A saga dos personagens tem início nas páginas de Ramos com a família se mudando (já em trânsito), sem saber ao certo seu destino: “e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (RAMOS, 2015, p. 10), em busca de melhores condições de vida em meio à seca que enfrentavam. Fugindo do sol escaldante que os castiga, encontram uma casa abandonada e ali decidem se abrigar na esperança de que a seca abrande.

Com a chegada da chuva, vem também o dono da terra, que até então estava exposta, o matuto se oferece para trabalhar como vaqueiro e assim o faz. Os produtos que eram oferecidos no armazém do patrão eram abusivamente caros e por isso o sertanejo decide realizar suas compras na cidade, onde sua sina cruza com a do “Soldado Amarelo”, com quem Fabiano joga uma rodada de cartas, mesmo sabendo que isso deixaria a esposa chateada por desperdiçar o dinheiro escasso. O Soldado Amarelo é quem implica com Fabiano, descontando nele o azar que teve no jogo, batendo no matuto e o jogando na prisão, deixando Fabiano revoltado, afinal não era culpado de nenhuma infração. Os momentos de alegria da família são poucos. Mesmo não enfrentando o calor e desolação da seca, que momentaneamente abrandou, a família se preocupa com a inundação que parece iminente em meio a tanta chuva. A festa da qual participam na cidade também proporciona poucos momentos de alívio, ao passo que os mesmos percebem que não pertencem àquele ambiente de pessoas tão diferentes deles, os poucos momentos de alívio duravam pouco. Numa perspectiva não tão animadora, as aves da arribação que cruzam o céu são o anúncio de que a seca se aproxima novamente e a família se prepara para fugir. Fazem isso no meio da madrugada para não enfrentar as prováveis reclamações do patrão e para aproveitar a



temperatura mais serena da noite. Ramos opta por abordar a história como um ciclo e isso fica claro quando a narrativa se inicia com o capítulo “Mudança” e termina com a “Fuga”, sutilmente colocados pelo autor, representando o ciclo de vida de um retirante. E assim termina a história da família de sertanejos, exatamente onde teve início: fugindo da seca.

Para estabelecer relação com os personagens, é necessário analisar a apresentação de cada um deles: Fabiano é um homem simples, rude, queimado do sol e trabalhador, um típico homem do sertão. No entanto, as concepções das características de um sertanejo são quebradas pelo autor ao descrever Fabiano com “o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis” (RAMOS, 2015, p. 16), rompendo a expectativa física estereotipada do sertanejo até então utilizada pela maioria dos escritores que deram vida a esse personagem, o homem de pele escura, olhos castanhos, fruto da miscigenação. Fabiano é analfabeto, não frequentou a escola, não tem o manejo com as palavras, grunhe como um animal (referência no capítulo intitulado Fabiano), às vezes não se parecendo como um homem e sim como um bicho. Por não conseguir se comunicar, fica em apuros com as autoridades, representados na figura do “Soldado Amarelo”, e tem dificuldades para tratar com os comerciantes da cidade, pois é incompetente, mesmo sendo analfabeto poderia buscar aprender estratégias para não ser enganado, mas mesmo com a ajuda da esposa, Fabiano, não conseguia nem mesmo realizar contas simples.

Esposa de Fabiano, Sinha Vitória é dedicada à família, devota e simples. Cuidava da casa e dos filhos, ajudava o marido nos trabalhos manuais da fazenda em que habitam (temporariamente), sendo a mais esperta da família tratava das contas que o marido não conseguia solucionar. Sonhadora, desejava uma vida melhor para eles e principalmente para os filhos: “Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles” (RAMOS, 2015, p. 127), não queria para eles a sina que estavam fadados a ter. Ainda assim, seus sonhos são simples e representados nas páginas de Ramos apenas pelo sonho de possuir uma cama de varas: “dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas” (p. 40).

Ainda inocentes com relação às dificuldades que enfrentavam ao lado dos pais, estavam os dois filhos, que Graciliano Ramos opta por não os nomear, tratando-os por menino mais velho e menino mais novo. O menino mais velho já na

fase da curiosidade, queria aprender novas palavras, esse vasto mundo de conhecimento que não lhe pertencia. O menino mais novo queria ser como o pai, a quem admirava pela valentia e destreza com os animais. Nas páginas que narram a caminhada desses personagens pelo sertão, encontra-se uma companheira e ajudadora em momentos de necessidade e tristeza, a cachorra Baleia. O narrador faz uso do discurso indireto livre para dar voz a Baleia que expressa seus sentimentos com relação a sua família.

Como é comum em sua situação, Fabiano e sua família têm pouquíssima instrução, são pessoas humildes, se comunicam de forma simples. Por meio do discurso indireto livre, o narrador interfere na comunicação de Fabiano, por não saber como se expressar, ele conta com a ajuda dessa ajuda em diversos momentos, para externar com palavras o que o personagem pensa: *“E Fabiano queria viver”* (RAMOS, 2015, p. 14), é a frase que expõe o fio de esperança existente em meio a *“alegria doida, enchia o coração de Fabiano”* (p. 15). A maneira com que Fabiano se expressa é descrita por Ramos nas seguintes passagens: *“linguagem cantada, monossilábica e gutural”* (p. 20), *“exclamações, onomatopeias. Na verdade fala pouco”* (p. 20). E não somente Fabiano: apesar de mais inteligente, Sinha Vitória também se comunicava como o marido de forma gutural: *“Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente a direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto”* (p. 10) e *“... lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis”* (p. 11). Por diversas vezes o autor utiliza o termo *“gutural”* para descrever a forma que os personagens se comunicam estabelecendo assim que os mesmos se comunicação através de sons e não palavras.

Afonso Ramano de Sant’Anna em sua obra *“Análise Estrutural de Romances Brasileiros”* (2012) confirma a análise acima com as seguintes palavras:

Era justamente a incapacidade de Fabiano e Vitória de se articularem como sujeitos que os reduzia a meros objetos, horizontalizando-os com a própria natureza. A impotência existencial dos figurantes corresponde a uma impotência verbal diante da realidade. Comunicando-se por meio de gestos, ruídos guturais animais, incapazes de organizar o mundo num sistema de representações e ideias (...) (p. 254)

Assim como os pais, os filhos também sofrem com o mesmo nível de linguagem limitada. O filho mais velho *“tinha um vocabulário quase tão minguado*

como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender” (RAMOS, 2015, p. 57), não somente não sabia fazer o uso das palavras como não sabiam compreendê-las, por isso a resposta da cachorra por sua elementaridade era a eficiente. Um exame mais profundo pode ser realizado com relação a falta de comunicação dos personagens na passagem em que, após se alimentar do papagaio para sobreviver, Sinha Vitória tenta se justificar, dizendo a si mesma que não havia problema visto que ele era “mudo e inútil” (RAMOS, 2015, p. 12). Aqui o autor expõe a animalização do personagem ao comparar (metaforicamente) a mudez do papagaio com a da própria família de retirantes que também se comunicam através de grunhidos. Papagaios são conhecidos por serem “faladores” ou ao menos “imitadores da fala humana”, mas nesse caso o papagaio da família era “mudo”, talvez por não ter a quem imitar ou por realmente não ter voz, um paralelo pode ser feito com a própria família que também não enxerga a oportunidade de voz (de serem ouvidos) em meio a imensa extensão de seca em que se encontravam, as suas próprias palavras secaram.

Ao dar voz a um animal, nesse caso a cachorra Baleia e “retirar” a voz dos personagens, Graciliano Ramos zoomorfiza os personagens humanos de seus linhas. No capítulo “Fabiano”, o autor externa os pensamentos do sertanejo em três momentos, primeiramente de uma forma mais otimista dizendo: - “*Fabiano, você é um homem*” (RAMOS, 2015, p. 18). Na sequência de forma não tão positiva: “*Você é um bicho, Fabiano*” (p. 19), aqui o termo bicho nos leva a entender que mesmo não sendo um homem é capaz cuidar de si mesmo. Sant’Anna diz a esse respeito que “*um indivíduo que, não sendo exatamente um homem, pelo menos sabia se safar dos problemas*” (2012, p. 232). Seus pensamentos são encerrados com a seguinte conclusão: “*Um bicho, Fabiano*” (p. 19). As comparações com um animal são usadas pelo autor no decorrer de toda a narração. No mesmo capítulo, Fabiano é comparado a um cavalo: “*Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele*” (p. 20). Deixando claro a intenção do autor em manter os dois no mesmo nível.

Vitória também é comparada a um animal pelo próprio marido, que a ridiculariza comparando seus pés aos do papagaio. Mesmo ofendida num primeiro momento, ao decorrer da história a própria passa a se ver como o animal: “*Olhou os pés novamente. Pobre do louro*” (RAMOS, 2015, p. 43), Sant’Anna afirma que: “*Aí o adjetivo ‘pobre’ já não se refere exclusivamente ao papagaio (...), mas descreve a*

*própria Sinha Vitória, tão infeliz como aquele 'pobre louro'" (2012, p. 223). Ou seja, Vitória passa a ver em si a mesma a pobreza e a inutilidade que via no animal.*

A marginalização do sertanejo é encontrada nas páginas de "*Vidas Secas*", ao tratar de um Fabiano e Sinha Vitória sem terra, sem lugar no mundo e sem sobrenome (assim como os demais personagens a seguir), carregando consigo filhos que assim como eles estão destinados a não ser ninguém que valha nomear. E por não serem percebidos por aqueles a sua volta, em meio a tanta fome e seca, se obrigam a seguir caminho sem serem notados como seres. Por diversos momentos Fabiano se compara a um bicho e assim como esses que em seu caminho estão largados à própria sorte, ele e sua família também se encontram imperceptíveis e abandonados. Ainda assim, alguns fios de esperança são lançados ao leitor no momento em que, em meio a migração, a família encontra fazenda a fazenda em que fariam moradia por um curto período de tempo. Essa casa (esperança) serviu de refúgio por alguns poucos capítulos, representando a dimensão da devastação causada pela seca, mostrando que eles não são os únicos atingidos, e que assim como eles, muitos abandonaram seus lares: "*...a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido*" (RAMOS, 2015, p12).

A migração é cruel e difícil para a família de Fabiano, assim como para tantos outros sertanejos. A morte os rodeava, "*a catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos*" (RAMOS, 2015, p. 10). Sem amparo, sem água, sem comida, caminhando por horas: arrastavam-se, trocando pelo caminho poucas palavras. Mesmo feridos e cansados de tanto caminhar a esperança se misturava a tristeza:

"tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele que deslumbrava e endoidecia a gente" (RAMOS, 2015, p. 13)

Mesmo não expressando com suas próprias palavras, a atitude do casal demonstra o carinho um pelo outro e pelos filhos, assim como o medo já internalizado da seca e do descaso. Em meio às suas limitações Fabiano se vê

obrigado a trabalhar como vaqueiro na fazenda que servia para ele e família como abrigo. A pouca instrução e a "ignorância" do matuto não permitiria que almeja se algo melhor e ele sabia que à ele nada ali pertencia: *"ao ser contratado, receberá o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatos de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse"* (RAMOS, 2015, p. 23). Desempenha satisfatoriamente o seu papel, cuidava do gado e aos olhos no menino mais novo o pai era como que um herói, amansando os cavalos bravos que diante da sua força e valentia eram obrigados a obedecer-lhe e isso fazia com que a admiração do filho eleva se mais a cada dia. Contudo, ao final de sua jornada de trabalho, Fabiano, volta para casa e somente aguarda pelo próximo dia. Euclides da Cunha já havia denunciado essa condição nas páginas de *"Os Sertões"* ao dizer que após a conclusão de suas atividades, o caboclo retornava a posição inerte de um inválido sem forças.

Sinha Vitória, por sua vez, exercia sua função de dona de casa, era incumbida de tratar dos filhos, ajudava o marido com os afazeres da fazenda e dos cuidados com os bichos, além de ocupar-se com o preparo da comida. Os filhos brincavam o tanto quanto podiam, mas vez ou outra eram ensinados a ajudar, cuidando dos bichos e buscando água, precisavam aprender essas tarefas que serviriam para os dias futuros. Quando a seca chegou novamente, Fabiano é obrigado a deixar tudo para trás. Mesmo levando consigo somente o sonho de chegar à cidade, o retirante, que havia sido criado solto no mato, chegando na cidade, faria somente aquilo que sabia fazer: cultivar terra e vaquear. Pois mesmo numa grande cidade, repleta de oportunidades, eles se acabariam como cachorros, inúteis, pois: *"chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela"* (RAMOS, 2015, p. 128). Assim como eles o sertão continuaria a enviar para a cidade, homens brutos como Fabiano.

Em busca de consolo em meio a tanto desespero, Fabiano e Vitória se valem de uma estratégia usada por muitos sertanejos (nordestinos): a religiosidade. É recorrente a necessidade do uso de forças místicas em momentos de dificuldades, a necessidade de se apegarem a algo maior do que eles mesmo, buscar numa força divina, na reza forte a ajuda necessária para continuar. Maria Alzira Brum Lemos em sua obra *"O Doutor e o Jagunço: Ciência, mestiçagem e Cultura em 'Os Sertões'"* (2000) salienta com relação a religiosidade presente no sertão:

"A religião das gentes do sertão não estava organizada em torno da Igreja Católica, não muito presente nas povoações pobres do interior nordestino. Desde antigas épocas a religião sertaneja estava caracterizada por uma atmosfera messiânica de carácter carismático em que predominavam valores como austeridade, a penitência, a via apocalíptica, o culto aos santos pessoais, o estoicismo e a resignação. Figuras como os beatos, os eremitas e os 'conselheiros', entre outros, faziam as vezes de sacerdote e líderes sociais"(LEMOS, 2000, p. 17)

Ainda que a religião não esteja exclusivamente em torno na Igreja Católica, Ramos utiliza de símbolos primariamente católicos para expressar a crença e devoção de seus personagens. Assim como Fabiano "*...baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou*" (RAMOS, 2015, p. 17), a esposa também é devota: "*...meteu o rosário nos seios e continuou a soprara com vontade...*" (p. 39), "*rezou baixinho uma ave-maria*" (p. 42), "*e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimado*" (p. 85), "*Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas*" (p. 117), página após página esses sertanejos buscam por uma ajuda sobrenatural a fim de apaziguar e dar sentido a tudo que enfrentam, alguém com quem dividir o fardo e quem sabe encontrar esperança.

Seu Tomás da Bolandeira, personagem apresentado no capítulo "Fabiano", descrito como um dos homens mais arrasados do sertão porque lia demais, não estava preparado para enfrentar as dificuldades impostas pela seca. Por ser "*tão bom e tão lido*" (RAMOS, 2015, p. 22), era diferente dos outros brancos, pois "*não sabia mandar: pedia*", ainda assim todos o obedeciam. Uma nova vertente é apresentada, segundo a visão do sertanejo que se sente oprimido pelo branco (superior), Fabiano "*encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra*" (RAMOS, 2015, p. 18), e não um homem digno do mesmo respeito que todos os outros, apesar de também ser branco. O caboclo não se via como aqueles brancos que detinham o conhecimento e a autoridade sobre outros, assim como seu Tomás. Em contraponto, o patrão atual, branco, era opressor:

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo. Berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se (RAMOS, 2015, p. 23).

Mesmo não acreditando estar errado, Fabiano, em sinal de respeito, baixava a cabeça e mesmo contrariado seguia com o seu serviço, até porque sabia que não duraria por muito tempo nessa fazenda, estava ali de passagem, ele não pertence a essa terra, a seca *“chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava a caminho...”* (RAMOS, 2015, p. 24), sendo assim não haveria necessidade de enfrentar seus opressores, afinal migraria novamente dentro em breve.

Essa faceta de opressão é reforçada no capítulo “Cadeia”, que evidencia o respeito de Fabiano àqueles que ele acreditava serem seus opressores. Nesse caso, o governo, na figura do “soldado amarelo”, por quem ele é humilhado e espancado por um mal-entendido após um jogo de cartas, seu algoz o mantendo na cadeia por uma noite pelo simples fato dele ser um bruto e não saber se expressar: *“Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal faz a brutalidade dele”* (RAMOS, 2015, p. 35). Mesmo estando revoltado com a atitude da autoridade que era “coisa distante e perfeita, não podia errar” (p. 33), se lamenta por não poder se expressar como o seu Tomás da Bolandeira e se conforma com a sina: *“os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo”* (p. 37). Os filhos estariam destinados a serem oprimidos assim como ele foi.

O conformismo típico do sertanejo também fica evidente na figura de Fabiano, que é apresentado como um caboclo conformado com a sua condição de bruto, sempre foi assim, sempre será assim e não há necessidade de se saber os porquês:

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (RAMOS, 2015, p. 18)

O que pode à primeira vista pode parecer um ato corriqueiro, demonstra a hereditariedade da condição em que se encontra o retirante, o conformismo do vaqueiro em apenas repetir o que seus antepassados faziam e repassar esses

mesmos costumes aos seus filhos, sem nenhuma explicação, sem intenção de mudar, somente levar a vida.

Igualmente com relação ao uso da linguagem, ficam evidentes as marcas de um sertanejo conformado com a pouca instrução que tinha, que se dava por satisfeito em saber o pouco que sabia, e achava até mesmo perigosas e inúteis as palavras difíceis das pessoas da cidade grande. Ao mesmo tempo, (in)conscientemente decide discutir com a mulher a educação dos filhos que estão cada dia mais curiosos e fazendo perguntas enxeridas: *“Era bom eles saberem que deviam proceder assim”* (RAMOS, 2015, p. 21). Assim como ele e seus antepassados, os meninos deveriam tratar de aprender a sobreviver à seca e a sua dura realidade, palavras eram inúteis para esse fim: *“Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha”*. (p. 22). Afinal, seu Tomás da Bolandeira que era culto e obedecido, foi um dos homens mais arrasados de todo o sertão quando a seca chegou, Fabiano admirava seu Tomás, contudo, ele era um bicho e não um homem, para que precisaria um bicho saber palavras difíceis?



### 3 MORTE E A VIDA DE SEVERINO

Quase três décadas posteriores à publicação de "Vidas Secas", João Cabral de Melo Neto utiliza do mesmo personagem, o nordestino, para dar vida a Severino, protagonista da obra "Morte e Vida Severina". O texto poético escrito para o teatro inicia com Severino se apresentando à plateia e tentando explicar a esses quem ele é.

O personagem inicia sua trajetória deixando o sertão da Paraíba rumo ao Recife, diferentemente de Fabiano e Vitória em "Vidas Secas" que não sabiam para onde seguiam, Severino tem um destino certo. Para situar o leitor com relação a sua identidade, Severino tenta explicar quem é: "*Meu nome é Severino...*" (NETO, 2007, p. 91), contudo, o sertanejo não atinge seu objetivo utilizando somente com seu nome. Ainda na tentativa de definir sua identidade, visto que existem tantos outros Severinos, que assim como ele também são filhos de Marias e finados Zacarias "*lá da serra da Costela, limites da Paraíba*" (p. 91). Nesse primeiro momento fica clara a intenção do autor em apresentar um personagem, ou vários personagens, que é alguém e ninguém ao mesmo tempo, um severino que leva o mesmo nome que tantos outros e nenhum sobrenome, assim como Fabiano e Vitória e como veremos em capítulo ainda a ser tratado, "*Macabéa*", personagem de Clarice Lispector, ambos, como Severino, também são retratados somente através de seu primeiro nome.

Esses sertanejos também tem a mesma sina de tantos outros, o mesmo destino, a mesma morte:

E se somos Severinos  
 Iguais em tudo na vida,  
 Morremos de morte igual,  
 Mesma morte Severina:  
 Que é morte de que se morre  
 De velhice antes dos trinta,  
 De emboscada antes dos vinte,  
 De fome um pouco a cada dia  
 (...)  
 Iguais em tudo na sina...  
 (NETO, 2007, p. 92).

Além de ser um sertanejo que não representa valor àqueles que estão a sua volta ainda terá o mesmo destino de seus irmãos Severinos e por isso ele "*passa a*

*ser o Severino / Que em vossa presença emigra*” (NETO, 2007, p. 93), pois não pode lutar contra a seca, é impossível *“querer arrancar algum roçado da cinza”* (p. 93). A seca desola sua região e isso o obriga a mover-se, ficar é permanecer *“onde a Caatinga é mais seca... onde a terra que não dá nem planta brava”* (p. 94), e aceitar sua sina. O retirante é em sua essência um ser que se vê sem nenhuma outra opção a não ser partir a pé, com pouquíssima bagagem, afinal teriam que carregá-la por meses, e normalmente partiam em busca da cidade grande.

Contudo, para Severino, a migração não é fácil, o rio Capibaribe que é seu guia rumo à cidade abastada também secou: *“mas como segui-lo agora / que interrompeu a descida”* (NETO, 2007, p. 98). Os poços que deixou para trás estavam secos, a roça que deixou era de *“terra má”* (p.102), e agora sua esperança de abastança, que era o rio, também secou. Na metade do caminho rumo à cidade numa localidade que o autor chama de *“Mata”*<sup>1</sup>, Severino não consegue ver grande diferença, em se tratando de uma localidade mais desenvolvida, Severino não criava muitas esperanças, e mesmo não tendo *“grande cobiça”* (p. 112), esperava ver grande diferença entre a Caatinga e a Mata, mas *“a diferença é a mais mínima”* (p. 112), por esse motivo Severino apressa o passo para chegar ao seu destino.

Em contraponto com Fabiano (*“Vida Secas”*), Severino é mais verbal, fala todo tempo e os retirantes ao seu redor e que cruzam seu caminho também se comunicam satisfatoriamente. Esse fato pode ser explicado, se for levado em consideração que essa é uma obra mais *“ficcional”*, no sentido de que *Vidas secas* e *A Hora da Estrela* são obras mais realistas. E também por se tratar de uma peça teatral, iniciada com um monólogo, e onde os diálogos entre os personagens são comuns, assim como a interação com a plateia, nesse caso o leitor. A intenção de Melo Neto também pode ser apresentar uma nova vertente de que nem todo sertanejo é calado, ainda que saíam do mesmo meio, da mesma realidade de seca, pessoas de uma mesma região, com a mesma cultura, podem sim ter reações diferentes frente a situações comuns. Esse é o caso de Severino, que apesar de não ter nenhum diálogo significativo, fala do início ao fim das páginas de Melo Neto.

Nas páginas de Graciliano Ramos, e nas palavras do próprio Fabiano: *“você é um bicho”* (RAMOS, 2015, p. 19), o processo de animalização do personagem é

---

<sup>1</sup> Zona da Mata: sub-região que fica no litoral da região nordeste do Brasil (...) formada por uma faixa estreita de terra para os padrões continentais do Brasil. (...). É a zona mais urbanizada e economicamente desenvolvida da região nordeste. (MAGNOLI; JR.; OLIC, 1999)

direto. Melo Neto opta por animalizar seu personagem (por assim dizer) de uma maneira mais metafórica: a falta de identidade de Severino é como uma metáfora para a animalização. No início da narrativa Severino diz que ele é somente mais um severino em meio a tantos outros iguais a ele, que como gado também é igual em quase tudo e na sina. Ele, Severino, é um substantivo comum, e não um substantivo próprio e único. Severino é a personificação do retirante nordestino brasileiro, sua vida é guiada pelas dificuldades econômicas que enfrenta, assim como as desigualdades sociais. Até mesmo a sua tentativa de se diferenciar dos demais é fracassada, afinal ele é igual a tantos outros até mesmo na aparência:

na mesma cabeça grande  
 que a custo se equilibra,  
 no mesmo ventre crescido sobre as pernas finas,  
 e iguais também por que o sangue  
 que usamos tem pouca tinta  
 (NETO, 2007, p. 92)

O retirante trás no próprio biótipo corporal a marca da marginalização, assim como no seu sangue de pouca tinta, de pouco valor. A migração em si é uma marca da desigualdade econômica entre as regiões, a busca de Severino é clara, melhores oportunidade de vida, mas seu caminho é rodeado de morte, Severino se depara com a morte de tantos outros severinos enterrados sem terra, sem nome e sem sobrenome. A maioria dos imigrantes que conseguem chegar à cidade, encontram apenas desemprego ou subempregos, miséria, violência e passam a fazer parte da população que vive em condições precárias e muitas vezes sub-humanas. Para Severino, o futuro não parece ser muito diferente, mesmo sendo as páginas de Melo Neto encerradas com uma mensagem de vida sobre a morte. A busca pela sobrevivência é constante durante o processo de migração. Severino fala desde os primeiros momentos da vida dura e de trabalho árduo que leva na terra em que se encontra:

Iguais em tudo na sina:  
 a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima,  
 a de tentar despertar  
 terra sempre extinta,  
 a de querer arrancar  
 algum roçado da cinza  
 (NETO, 2007, p. 92 e 93)

Assim como tantos outros sertanejos, Severino, trabalha para sobreviver. No entanto, a sua limitação, provavelmente um semianalfabeto, não lhe permitiam grandes escolhas. No meio do caminho, cansado da viagem, para em uma cidade e procura por emprego: "*primeiro é preciso achar um trabalho de que viva*" (NETO, 2007, p. 101). Decide solicitar auxílio a mulher na janela, perguntando onde encontrar trabalho naquelas terras. Essa mulher lhe faz diversas perguntas com relação a suas habilidades e essas foram algumas das respostas de Severino:

Sei também tratar de gado  
 (...)  
 Ali ninguém aprendeu  
 outro ofício, ou aprenderá:  
 mas a sol, de sol a sol,  
 bem se aprende a suportar  
 (NETO, 2007, p. 103)

Severino, não soube ou não pode se qualificar para a modernização que encontraria em seu caminho para cidade. As terras pelas quais passava era diferente daquela que deixou para trás: "*Com a vinda das usinas há poucos engenheiros já*" (NETO, 2007, p. 103). Em sua terra estava acostumado a comer, quando havia o que, e trabalhar na terra, agora encontra a morte como profissão, mas como não sabia rezar, não pode exercer a única profissão disponível ali.

Não diferente de tantos outros autores Melo Neto também evidência na trajetória de Severino a crença de seu personagem e aqueles que cruzam seu caminho. Assim como citado anteriormente a escolha do autor também é de utilizar símbolos Católicos para representar o credo do personagem. As referências à religiosidade são tão fortes que até mesmo o cenário toma forma de rosário:

...sei que há vilas pequeninas  
 todas formando um rosário  
 cujas contas fossem vilas,  
 todas formando um rosário  
 de que a estrada fosse linha.  
 Devo rezar tal rosário  
 Até o mar onde termina,  
 Saltando de conta em conta,  
 Passando de vila em vila  
 (NETO, 2007, p. 97 e 98)

A religiosidade tem um papel grande na formação daquele povo que é até mesmo uma profissão: “*mas diga-me retirante, / sabe benditos rezar? / sabe tirar ladainhas, / sabe mortos enterrar?*” (NETO, 2007, p. 104). A morte é tanta naquela região que as mulheres com que Severino se encontra e pede por trabalho são profissionais da crença: “*é, sim, uma profissão, / e a melhor de quantas há: / sou de toda a região / rezadora titular*” (p. 105). Não somente o Catolicismo (rosário) é apresentado, mas também o misticismo, na figura das duas ciganas que leem a sorte do menino nascido, prevendo quais as possibilidades para o seu destino. Contudo, a religiosidade se sobressai ao misticismo desde o nome escolhido pelo autor para complementar o título da obra “*Auto de Natal Pernambucano*”, o intertexto com a passagem do nascimento do menino Jesus, filho de um carpinteiro (José), que recebe presentes de pessoas que vieram o visitar, fica evidente nos atos finais quando o morador “*Seu José, mestre carpina*” (p. 120) vem ao encontro de Severino no momento em que seu filho nasce e passa a receber presentes dos moradores da região, presente esses simples, pois as condições daqueles à sua volta não eram abastadas, mas todos o prestigiam.

Se ficasse na terra de que partiu, os destinos possíveis para Severino eram somente de morte, fosse ela de fome ou de bala perdida. Na cidade, Severino, não vê muitas outras opções que sejam promissoras para seu futuro, pensando até mesmo em tirar a própria vida. Diferente de “*Vidas Secas*” em que Fabiano se sente oprimido pelos brancos, e num contexto futuro em “*A Hora da Estrela*” em que Macabéa será oprimida pela cidade burguesa em que vive, Severino é oprimido pelas circunstâncias. Mesmo após a sua chegada na cidade o seu primeiro encontro é com a morte e a pobreza, o retirante se vê sem opções, pois é até mesmo na morte continuaria a trabalhar:

Trabalharás uma terra  
da qual, além de senhor,  
serás homem de eito e trator.  
Trabalhando nesse terra,  
tu sozinho tudo empreitas:  
serás semente, adubo, colheita  
(NETO, 2007, p. 109)

Se a morte não lhe encontrasse de imediato, viveria numa cidade dividida, onde se encontravam lugares destinados aos pobres e outros para os ricos, até

mesmo os cemitérios eram diferentes para quem tivesse mais poder aquisitivo. (NETO, 2007, p. 113). Mesmo em meio a uma mensagem de vida, com o nascimento do filho do seu José as opções são poucas, ou trabalhar nas fábricas e viver sujo de graxa ou afundar-se no mangue e "sobreviver" sujo de lama. O percurso de um sertanejo fugido da seca é quase que pré-estabelecido somente por ter nascido "Severino":

Somos muitos Severinos  
Iguais em tudo na vida:  
Na mesma cabeça grande  
Que a custo é que se equilibra,  
No mesmo ventre crescido  
Sobre as mesmas pernas finas,  
E iguais também porque o sangue  
Que usamos tem pouca tinta  
(NETO, 2007, p. 92)

Em seu percurso o retirante parece se deparar com uma única certeza, o que lhe resta é a morte ou a mesma sorte:

Desde que estou retirando  
Só a morte vejo ativa,  
Só a morte deparei  
E às vezes até festiva;  
Só morte tem encontrado  
Quem pensava encontrar vida,  
E o pouco que não foi morte  
Foi de vida Severina  
(NETO, 2007, p. 100)

É como se seu destino realmente estivesse traçado desde o nascimento: "*desse chão és bem conhecido / (te espera de recém-nascido)*" (NETO, 2007, p. 110). Por somente saber trabalhar com a terra e nada mais, o destino parece que seria ser pobre até que se finde. Que a vida será sempre severina seja ela no mangue ou "*dentro de uma fábrica*" (p. 129). Sendo essas as possibilidades adiante do menino nascido agora, quanto mais duras seriam para um retirante que somente sabia com a terra queimada de sol lidar. Apesar de não aparentar estar destemido com a mudança, Severino não é estático, mesmo em momentos de incerteza continua a apressar seu passo, na esperança de melhores condições de vida encontrar em Recife, de seus anos prolongar, isso demonstra um certo

inconformismo de sua parte. Ainda que pense em desistir, questionando Seu José se a fundura do rio seria suficiente para um homem afogar, querendo desistir mesmo após a chegada na cidade, o mestre carpina cruzou seu caminho para trazer-lhe uma mensagem de esperança:

– Seu José, mestre carpina,  
E quando ponte não há?  
Quando os vazios da fome  
Não se tem com que cruzar?  
- Severino, retirante  
(...)  
Sei que a miséria é mar largo,  
(...)  
Mas sei que para cruzá-la  
Vale bem qualquer esforço.  
(NETO, 2007, p. 121)

Seu José lhe diz que mesmo “*nessa vida a retalho*” (NETO, 2007, p. 123) comprada a prestação, em que somente se come com o suor do rosto um pouco cada dia, mesmo sendo “*difícil defender, só com palavras a vida*” (p. 132), mesmo sendo vivida na dificuldade, essa vida severina vale a pena ser vivida. O autor decide finalizar a caminhada de Severino (nas páginas literárias) com uma mensagem de esperança e vida.

#### 4 A HORA DA ESTRELA DE MACABÉA

Nas páginas de Graciliano Ramos pudemos acompanhar a jornada da família de emigrantes que iniciou (provavelmente Alagoas) e terminou sua caminhada "retirando". Já nas linhas compostas por João Cabral de Melo Neto, o emigrante Severino, saí de sua terra na Paraíba com destino a Recife, e lá chegando recebe uma mensagem de esperança e vida. A partir desse momento passamos a analisar a obra escolhida para retratar a vida de uma retirante nordestina que chegou à cidade grande.

A renomada escritora Clarice Lispector lança no ano de 1977 uma de suas obras mais reconhecidas A Hora da Estrela (até então sem título), nas palavras da própria autora em entrevista à TV Cultura:

Repórter: - Antes de entramos no estúdio você me dizia que está começando um novo trabalho! Que novela é essa? Clarice: - Só de uma moça tão pobre que só comia cachorro quente, a história não é isso só não, a história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima... o cenário dessa novela é o Rio de Janeiro, mas o personagem é nordestino de Alagoas. Repórter: - Onde que você foi buscar dentro de si mesma... Clarice: - Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste, e depois no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos no campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá, e peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro, daí começou a nascer a ideia. (CULTURA, 1977)

Macabéa, uma nordestina que "*somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando*" (LISPECTOR, 1998, p. 23), é uma moça alagoana pobre, semianalfabeta e ignorante. Desajustada com a vida na cidade, afinal vivia "*numa cidade toda feita contra ela*" (p. 15). Rodrigo (o narrador) a considera uma moça incompetente frente a vida, inerte diante das dificuldades que enfrenta. A retirante é somente mais uma em meio a tantas outras que vivem na mesma situação que ela e ao mesmo tempo é a "mesma", pois todas vivem a mesma realidade. Assim como os autores anteriormente analisados, Lispector opta novamente por retratar uma personagem sem identidade, sem sobrenome, que é descrita como sendo "*facilmente substituível*" (p. 14), que não reclamava a ninguém sobre o descaso que sofria, por nem ao menos saber se esse alguém realmente existia. Assim como tantas outras, Macabéa deseja ser alguém, sonhava em ser uma estrela de cinema e acredita na cartomante Madame Carlota que lhe prevê um futuro otimista, e ela



estava feliz porque "*pela primeira vez ia ter um destino*" (p. 75), nunca tinha tido coragem de ter esperança, mas acreditava nas palavras da cartomante e saiu de seu consultório confiante de que encontraria seu destino.

Macabéa era silêncio, pois não sabia expressar-se. Diferente de Fabiano que tinha uma fala gutural, como a de um animal muitas vezes, e diferente de Severino que é falante, Macabéa é calada. Em comparação aos três personagens a retirante deveria ser a mais expansiva, afinal, é a única que teve educação, apesar de ser quase analfabeta, tem um curso de datilografia, além de morar na cidade grande e conviver com pessoas que se comunicam, conviver com meios de comunicação, como o rádio relógio que escuta. Todas essas oportunidades adicionais deveriam fazer de Macabéa a mais eloquente dos três. No entanto, Macabéa tem medo das palavras, quando a cartomante Madame Carlota, em meio a sua narrativa à sertaneja pergunta: "*Vocezinha tem medo de palavras, benzinho? - Tenho, sim senhora.*" (LISPECTOR, 1998, p. 75). Macabéa não sabia onde as palavras poderiam levá-la, por esse motivo se calava: "*ela era calada*" (por não ter o que dizer) (p. 33).

Após passar uma infância de privações e maus tratos, infligidos pela tia que a criava, Macabéa, migra para o Rio de Janeiro, onde não encontra conforto. Vive uma vida de subempregada trabalhando como datilógrafa, isso lhe concedia um pouco de dignidade, mas não suficiente para que fosse notada, e nem para que visse a mesma com esse privilégio, afinal:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balçõs trabalhando até a estafa. Não notavam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Assim como Melo Neto, não existe uma comparação direta da sertaneja com um animal, contudo, a maneira com que a mesma é retratada leva-nos a entender que assim como Severino, ela é somente mais uma no rebanho. Outra alusão possível seria com o bicho-do-mato, essa expressão é comumente usada na língua portuguesa para elucidar alguém que prefere viver fora do convívio social, que prefere viver sozinho. Essa era Macabéa, que aguardava que todas as colegas fossem dormir para então escutar seu rádio relógio madrugada a dentro, sozinha.

A miséria em que se encontra a retirante é muito mais profunda do que somente a fome que sentia, pois *"quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito (...) existe a quem falte o delicado essencial"* (LISPECTOR, 1998, p. 12). Ao referir-se como deveria se vestir para apenas falar da moça, o narrador enfatiza que precisaria adquirir olheiras pela privação de sono e trabalho excessivo, precisaria ainda de roupas rasgadas, a sertaneja não possuía sequer a *"pobreza enfeitada"* (p. 20) convenientes às sociedades que vivem de aparências, pois falta a ela até mesmo a habilidade de se ajeitar.

Márcia Lígia Guidin em *"Roteiro de Leitura: A Hora da Estrela de Clarice Lispector"* (1996) analisa que essa moça tinha somente alguns poucos prazeres em meio a sua humildade existencial: *"coleccionava anúncios e fotos de artistas, recortados de jornais velhos, que colava num álbum. E uma vez por mês ia ao cinema"*. (p. 37). Apesar de a cidade representar um futuro promissor em contraposto ao sofrimento da seca nordestina a protagonista raquítica e órfã não encontrava nada mais do que uma miséria anônima, *"ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas"* (p. 15) talvez tivesse tido um destino mais otimista.

Como Fabiano, Vitória e Severino, Macabéa é uma retirante fugida da seca e da miséria. Contudo, diferente dos personagens nordestinos tratados até aqui, a história de Macabéa é transferida do sertão de Alagoas para a cidade grande, o Rio de Janeiro. Inocência pensar que essa se passa junto a burguesia, outrora, transcorre na zona suburbana e pobre da cidade, com essa migração Lispector: *"registra o problema da migração e da absorção cruel do nordestino ao meio urbano do sul do país, onde ele se defronta com diferentes valores socioculturais"* (GUIDIN, 1996, p. 63).

A personagem nordestina por Lispector retratada denuncia a existência dessa classe social marginalizada, sem consciência política e social, que ocupa um espaço físico no mundo, mas nada possui. A protagonista não consegue se identificar em meio as pessoas da cidade e nem mesmo em meio a industrialização, mesmo sendo uma datilógrafa, esse era um trabalho mecânico que exigia pouquíssimo de quem o exercia. Assim Macabéa vaguei anônima em meio a urbanização, que sequer sabe seu nome, que não fará falta de sua *"vaga existência"* (LISPECTOR, 1998, p. 15) pois na realidade ela *"não faz falta a ninguém"* (p. 14). Essa é a realidade dos nordestinos na cidade grande, aqui representada por Macabéa, personagens do cotidiano que passam despercebidos, pois não seria

possível *"tirar ouro do carvão"* (p. 17), transgredir e ou se sensibilizar com a mórbida e obscura sina dessa retirante seria alterar o futuro certo. Para Guidin, Macabéa *"denuncia a existência de uma classe social marginalizada, sem consciência política e que, por isso, não está preparada para a luta de classes"* (GUIDIN, 1996, p. 71). A cidade era feita contra ela, e ela não estava preparada para enfrentar os desafios impostos pela cidade.

Novamente a religiosidade aparece nas páginas que retratam um personagem sertanejo. A tia beata, maltratava a sertaneja e a impedia de sequer sonhar com possibilidades melhores, sempre a lembrando que ela não tinha esse direito. A mãe e Macabéa (personagem retratado através das memórias de Macabéa) é que fez promessa a Nossa Senhora da Boa Morte na esperança que a filha vingue e se vingasse lhe daria o nome de Macabéa, nas palavras da própria: *"Pois como o senhor pode vê eu vinguei... pois é..."* (LISPECTOR, 1998, p. 43). Diferentemente das representações religiosas até as obras analisadas até o momento, que tem símbolos fortes do Catolicismo, a *"A Hora da Estrela"* traz uma representação muito mais mística da fé no sobrenatural. Macabéa é induzida a procurar uma cartomante para prever seu futuro. A retirante acredita que a cartomante irá acertar seu futuro pois tem o aval da amiga que já conhecia Madame Carlota e podia afirmar que as suas quebras de feitiços eram eficazes. E assim Macabéa o faz, consulta com a cartomante e lhe paga, afinal ela havia acertado tudo, tinha dito a nordestina tudo que ela gostaria de ouvir e por isso sua vida já era outra.

Oprimida não somente pela falsa esperança dada pela cartomante, Macabéa viveu, ainda no sertão, oprimida pela tia que a criava sem lhe permitir sequer sonhar, e a castigava com cascudos para que aprendesse que não tinha o direito a nada. Com a mudança para o Rio de Janeiro, aos 19 anos de idade, Macabéa passa a ser oprimida pela industrialização, pela marginalização do sertanejo no meio que habita. A retirante semianalfabeta, que não sabe se expressar, tem medo das palavras, permite que sua vida seja guiada por outros, *"ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor"* (LISPECTOR, 1998, p. 23). É oprimida pelo chefe e mesmo assim se desculpa: *"-Me desculpe o aborrecimento"* (p. 25), vive sobre a ameaça de ser demitida, pois é muito lenta no exercício de sua função: *"-Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco"*. (p. 25). Assim como Fabiano, Macabéa sente-se injustiçada e até pensa em responder o chefe

com algumas verdades, mas se cala e aceita as ofensas para manter o emprego, afinal precisa dele para sobreviver. Macabéa vive órfã, de pai, mãe e tia, numa cidade feita contra ela, sem dignidade, sem dinheiro, sem um amor que seja seu, por isso se cala e segue somente "existindo" diante da brutalidade que a vida lhe impôs.

A narrativa de Severino em "Morte e Vida Severina" nos deparamos com uma mensagem de esperança nas linhas finais. Já Fabiano e sua família terminam onde começaram: fugindo da seca. Macabéa, é única retirante dentre os personagens aqui analisados a chegar na cidade grande, Rio de Janeiro, mas leva uma vida oprimida, privada de qualquer privilégio e é única que realmente encontra com a morte. Mesmo sendo comum no processo migratório se deparar com a morte de pessoas, animais, vegetações e da esperança, assim como relato por Severino e Fabiano, Macabéa vive a morte de uma forma mais íntima, primeiro com a morte dos pais, posteriormente da tia e a sua própria.

Ainda que a cartomante Madame Carlota tenha predito um futuro promissor para a retirante, que encontraria um amor, mas não um amor qualquer, um homem estrangeiro e com dinheiro que lhe daria um futuro luxuoso, ainda que lhe tenha ensinado como ter mais cabelo, ainda que Macabéa tenha saído do consultório "*grávida do futuro*" (LISPECTOR, 1998, p. 79), seu desfecho é trágico. Após ser atropelada por uma Mercedes Benz amarela, Macabéa estendida no asfalto, inerte no canto da rua parece não perceber que está morrendo. E como em toda a sua história:

algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe data existência (LISPECTOR, 1998, p. 81).

No momento de sua morte estava viva, pensando no futuro, relutando em ceder, mas seu destino está determinado desde o início, quando Rodrigo sugere que a sua mudança para a cidade é responsável pelo seu desfecho: "*ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas*" (LISPECTOR, 1998, p. 15) e nas palavras do próprio narrador que já conhecia o destino da retirante: "*só não inicio pelo fim que justificaria o começo - como a morte parece dizer sobre a vida - porque preciso registrar os fatos antecedentes*" (p. 12). O destino da nordestina Macabéa já estava traçado.

## A REALIDADE SALTA A FICÇÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a verificação de que num modo geral, o sertanejo, retratados através das obras analisadas foram descritos como sem identidade, sem sobrenome, somente mais um em meio à multidão. Marginalizados e anônimos foram ignorados pela sociedade, e sem nenhuma perspectiva de vida melhor se obrigaram a migrar rumo a novas cidades que poderiam lhes oferecer dignidade. Em vidas secas podemos observar a dura realidade da família nordestina que enfrenta o sol quente, a escassez de água e o trabalho árduo em busca de sobrevivência, assim como uma miséria anônima que termina da mesma forma que iniciou: migrando.

Severino inicia sua narrativa tentando, sem sucesso, estabelecer quem é. Migrando da Paraíba rumo ao Recife em busca de água, trabalho e esperança. Contudo, em seu caminho só encontrava morte, desesperança, e um Capibaribe seco. No entanto, as páginas de Melo Neto se encerram com uma mensagem de esperança e vida e com o retirante permanecendo na cidade de destino.

O sonho da nordestina alagoana Macabéa ao chegar no Rio de Janeiro, era de ter a sua hora da estrela, de ser alguém. Porém, a retirante que, segundo palavras do próprio narrador, não faria falta a ninguém, novamente é retratada como somente mais uma em meio a tantas outras, diferente e ao mesmo tempo a mesma. A cidade é opressora com Macabéa que não estava preparada para os desafios que ali enfrentaria. O resultado dessa migração é a morte da sertaneja, atropelada por um carro.

Dentro dessas três obras nos deparamos com a perda da identidade nesses personagens, que já era retratada por Gonçalves Dias com Marabá, onde os mestiços (ainda nem eram chamados de sertanejos) tentando estabelecer quem é, e à que terra pertence. Assim também Fabiano, Vitória, Severino e Macabéa tentam afirmar quem são, porém, quando seu trajeto chega ao destino final, a cidade, ele (sertanejo) é somente mais um, igual a todos os outros retirantes, não possuindo a cultura necessária para naquele meio sobreviver.

Existe um contraste entre as representações escolhidas por João Cabral de Melo Neto, por se tratar de uma peça teatral, que é mais otimista em relação ao texto de Graciliano Ramos e Clarice Lispector que buscam representar o "realismo" em suas páginas. A trajetória da grande maioria dos sertanejos aqui apresentados

foi de conformismo com a realidade de quem eles são, mas de inconformismo com a realidade que vivem. Como não pensam em desistir, outro aspecto que tem em comum, todos queriam viver e viver melhor. Contudo, ao se depararem com desolação da seca, a dor da fome e a miséria existencial, decidem abandonar seus lares e migrar, debaixo de um sol árduo e implacável, buscando alcançar mudança, esperança e melhores condições de vida para si e seus descendentes e assim a realidade de tantos sertanejos salta a ficção das páginas literárias.

## REFERÊNCIAS

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Literatura Brasileira: Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens**. 4. ed. São Paulo: Atual, 2009.

CULTURA, T. **Panorama com Clarice Lispector**. 1977. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>>. Acesso em: 20/01/2020.

CUNHA, E. da. **Os Sertões: Edição Crítica e Organização: Walnice Nogueira Galvão**. 1. ed. São Paulo: Ebu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.

DIAS, G. **Literatura Comentada**. 1. ed. São Paulo: Abril Educação, 1982.

FERREIRA, J. C. **Sociedade, cultura e identidade em Vidas Secas, de Graciliano Ramos e os Magros, de Euclides Neto**. 158 p. Dissertação (Mestrado), 2014. Disponível em: <[https://mestrado\\_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Juliana\\_Cristina\\_Ferreira.pdf](https://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Juliana_Cristina_Ferreira.pdf)>. Acesso em: 20/01/2020.

GUIDIN, M. L. Roteiro de leitura: **A hora da estrela de Clarice Lispector**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEMOS, M. A. B. **O doutor e o jagunço: ciência, mestiçagem e cultura em Os Sertões**. 1. ed. São Paulo: Ed. UNIMAR, 2000.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAGNOLI, D.; JR., J. A.; OLIC, N. B. **Conhecendo o Brasil: Região Nordeste**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1999.

MATOS, G. **Poemas Satíricos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

NETO, J. C. de M. **Morte e vida Severina e, Outros poemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 176 p.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 129. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANT'ANNA, A. R. de. **Análise estrutural de romance brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.